

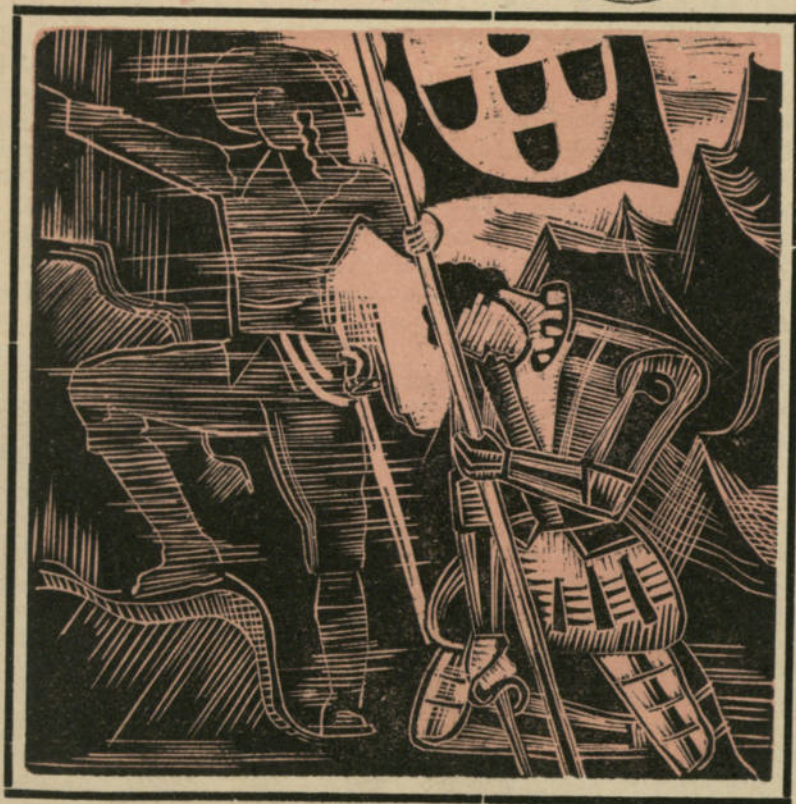
25/3

841

DEP. LEG.

# A HISTÓRIA MAIS TRISTE DE TÔDAS

L. 12897-5



R. 154112

COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO TRINTA E CINCO

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1943



*E X - L I B R I S*

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES  
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE  
GASPAR PINTO DE SOUSA, SUCRS., LTD.<sup>a</sup>  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1943



## LIVRO TRINTA E CINCO

### A HISTÓRIA MAIS TRISTE DE TODAS

L. 12897 <sup>5</sup> V.



Já foi contado em que desgraça se encontrava o reino de Portugal depois da batalha de Alcácer-Quibir e com que tristeza o maior poeta português, Luiz de Camões, pouco antes de soltar o último suspiro, se despedia de um amigo dizendo que *morria com a Pátria*.

Enganava-se porém Camões porque Portugal não morreu e bastantes provas deu depois de que estava muito vivo. Mas nessa altura encontrava-se gravemente enfermo. Como um homem rijo e valente que tivesse trabalhado além das suas fôrças e, depois da espantosa obra feita, se visse enfraquecido, sem sangue nem nervos que lhe sustentassem a vontade. Mas isto são coisas que acontecem a tôdas as nações, como agora mesmo nos nossos dias a gente está vendo. Porque as nações são como os homens e têm como eles as suas doenças, e às vezes as suas chagas e os seus ramos de estupor; e alguns adoecem assim e curam-se, e alguns morrem e ficam mortos durante centenas de anos e depois ressuscitam... e outras não ressuscitam.

Nenhuma nação, por mais poderosa e forte que seja, nenhum império, dura sempre. Têm o seu tempo de vida como os homens; e, como os homens, crescem, florescem, envelhecem e morrem. Isto é uma coisa que todos devem saber, porque aquêles que o sabem, entendem sempre melhor o sentido das guerras e a razão pela qual certas nações as ganham e as outras as perdem.

Portugal estava empobrecido. Por muitas e complicadas razões, as riquezas do Oriente já não lhe chegavam às mãos. Em tôdas as classes a ruína era completa. Os fidalgos gastavam o que tinham a resgatar os seus das unhas dos piratas, porque a pirataria assolava os mares e as costas de Portugal; e, depois de Alcácer-Quibir, todos os que tinham caído nas mãos dos moiros (e não tinham conta!) só de lá podiam ser arrancados à fôrça de pesadíssimos resgates onde muitas vezes passavam os bens inteiros das famílias. Os fidalgos, assim reduzidos à pobreza, já não podiam acudir, como dantes sempre tinham acudido, à miséria. E a miséria e a fome tinham crescido tanto que Lisboa estava invadida por mendigos esfomeados. Morria muita gente; a população de Portugal diminuiria tanto que nem chegava a um milhão de almas! Não havia braços para amanhar as terras e faltava tudo o que a terra dá. Não havia comércio nem indústrias; só lutos, desgraças, doenças, lágrimas e desespero.

É preciso que todos os portugueses de agora ponham bem na sua idea o estado a que chegara a sua infeliz pátria na hora em que morria, sem successor, o velho e incapaz cardeal-rei Dom Henrique, último monarca da brilhante dinastia de Aviz, que fizera de Portugal uma das duas mais ricas, poderosas e esplêndidas nações do mundo. É preciso que conheçam a que fraqueza e miséria che-



gara este bendito país, para compreenderem como a Espanha — também já no começo da sua decadência — o pôde dominar.

Havia uns poucos de pretendentes ao trono de Portugal. Os principais eram:

Dom António, Prior do Crato (1), filho natural do infante Dom Luiz, que tão amigo fôra de Dom João de Castro;

A duquesa de Bragança, filha do infante Dom Duarte e casada com um parente da casa real;

Filipe II de Espanha, filho da infanta Dona Isabel que casara com Carlos V.

Competia ao cardeal-rei, ao subir ao trono por morte de el-rei Dom Sebastião, escolher logo e determinar quem havia de ser seu sucessor, visto não haver herdeiro directo. O pobre velho entendia, e com razão, que de todos os pretendentes o que tinha maiores direitos era, sem dúvida, a duquesa de Bragança. Todos os pretendentes eram netos de el-rei Dom Manuel, mas ela descendia por linha legítima e masculina, o que não acontecia aos outros.

Estava pois o cardeal-rei Dom Henrique resolvido a escolher a duquesa e a mandar que fôsse ela a sucessora do trono, quando chegou de Espanha a tôda a pressa um homem chamado Cristóvão de Moura.

Este Cristóvão de Moura era um português aparentado com as principais famílias da nossa terra e que fôra havia muitos anos servir o rei de Espanha, a quem se afeiçoara do coração. Não lhe faltava inteligência nem esperteza e soubera muito bem fazer por lá o seu caminho.

Apenas Filipe II teve conhecimento de que o cardeal-rei estava resolvido a nomear a duquesa de Bragança sucessora da coroa portuguesa, deu ordem a Cristóvão de Moura que partisse sem demora para Lisboa e que persuadisse o cardeal-rei a mudar de idea.

Cristóvão de Moura fêz tal diligência na sua jornada que ainda chegou a tempo. Pediu logo uma audiência urgente ao cardeal-rei e tais coisas lhe disse, e tais mêdos pregou ao pobre velho que este já nem sabia para que lado se virar. Dizia-lhe Cristóvão de Moura que a duquesa era mulher e o duque pouco esperto e incapaz de livrar o reino das investidas do poderoso Filipe II, que viria com certeza com grandes exércitos defender os seus direitos; que Dom António, Prior do Crato, era filho natural e portanto não podia competir por lei com Filipe II.

Aos fidalgos e pessoas importantes do reino Cristóvão de Moura explicava as suas razões com muita inteligência e provávelmente de boa fé. Dizia-lhes que estava na agonia, que morria de miséria e de fome, que não tinha exército, que não tinha uma boa cabeça que o salvasse, que os inglêses, os franceses e os holandeses, aproveitando-se da sua fraqueza, já andavam a atacar as suas possessões, que o reino seria desfacelado em pouco tempo e dividido entre os estrangeiros que o cobiçavam. Que mais valia aceitarem de boa vontade um rei

---

(1) Prior neste caso não queria dizer que D. António fôsse padre. Era o título que se dava ao chefe de certas ordens militares.



espanhol, rico e poderoso, que defenderia o país contra as ambições dos ladrões estrangeiros. Que, afinal de contas, os espanhóis eram nossos vizinhos e nossos irmãos pela situação geográfica dos dois países e pela parecença das línguas. Que Portugal guardaria a sua autonomia e, ligado à poderosa Espanha, se poderia defender dos seus inimigos, refazer as suas forças e voltar a ser uma grande nação.

Muita gente acusa de traidores todos os portugueses que naquele tempo se voltaram para o rei de Espanha. É certo que alguns o fizeram para servir interesses pessoais e aceitaram, em troca dos seus serviços a Filipe II, dinheiro e privilégios. Mas em todos os tempos e em todos os países aparecem canalhas e traidores. Há, porém, muitos portugueses honrados que aceitaram a causa de Filipe II de boa fé e convencidos que era talvez a melhor maneira de salvarem a sua terra da perdição.

O cardeal-rei doente, indeciso, a tremer de medo, não quis tomar responsabilidades. Resolveu não nomear nenhum sucessor ao trono e deixar esse cuidado às Côrtes, que deviam reunir-se para tal fim.

As Côrtes reuniram-se e elegeram cinco governadores que deviam decidir qual dos pretendentes havia de ser escolhido.

Aqui principiaram as intrigas e as discórdias, que são sempre a causa da queda dos impérios.

Cristóvão de Moura, trabalhando por conta do rei de Espanha, ia arranjando partidários para este pretendente entre portugueses de importância no reino. Alguns se deixaram tentar, infelizmente, por alto preço em dinheiro ou por promessas de bons lugares; tal é a ânsia de certos homens em lograrem dinheiro e honrarias, que, por tais coisas, vendem a alma ao diabo. Outros, muitos outros, louvado seja Deus, preferiam perder tudo e arriscar a própria vida e a dos que mais estimavam, negando-se a ver a sua terra sujeita a rei estrangeiro. Entre estes últimos, um fidalgo brioso e prezando acima de tudo a sua honra e a dignidade da pátria, Febo Moniz (e este nome nunca deve ser esquecido por nenhum bom português), atrevia-se a dizer alto e bom som o que pensava, e atirava à cabeça fôsse de quem fôsse com as duras verdades que lhe saíam do coração.

Muito direito e cheio da sua razão, dizia assim afoitamente ao cardeal-rei nas Côrtes de Almeirim, onde representava o povo de Lisboa:

— Eu, Senhor, não saí do meu buraco para fazer o que não devo. Estou aqui para defender a liberdade do reino em que nasci e que de mim a confiou. E não cuide Vossa Alteza que esta opinião é só minha: é a de todo este reino que aqui está junto.

E era verdade. O povo português não queria rei espanhol; mas o que podia o povo naquela hora de miséria e de angústia?

O cardeal-rei ouvia Febo Moniz acenando com a cabeça, tão velho e incapaz e medroso que nem sabia o que devia dizer nem pensar. E pouco depois morreu deixando o reino cheio de desgraças, de divisões e de confusão.

Depois da morte do cardeal-rei, as Côrtes reunidas nada decidiram. Tudo era intrigas e lutas e traições.



O duque de Bragança pedia o auxílio da França e da Inglaterra para fazer valer os direitos da duquesa, sem grande resultado.

O povo estava de coração com Dom António, Prior do Crato. Era um homem e tinha bom sangue real nas veias. Que importava que fosse filho natural? Pois Dom João I não era também bastardo?

Dom António era um homem de bem, ajuizado, de vida limpa, cheio de apaixonado amor pela sua pátria, valente e de grande coração. Mas faltava-lhe uma inteligência esclarecida e uma vontade firme. Não era resoluto e decidido, não sabia pensar e querer com rapidez. E não tinha ao seu lado, como D. João I tinha, homens de grande valor que o ajudassem e o aconselhassem. Não lhe dera Deus uma alma de chefe. Não era bastante forte e habilidoso para comandar; a sua vontade fraquejava e não sabia impô-la aos outros.

Há poucos homens que nascem para mandar; e Dom António não era um deles.

Os cinco governadores que haviam de escolher o sucessor da coroa, ouvindo dizer que os espanhóis se preparavam para invadir Portugal e que o povo estava com Dom António, espalharam-se sem decidir nada. Três fugiram espavoridos para o Algarve e quando chegaram a Castro Marim declararam Filipe II sucessor do trono. Os outros dois ficaram em Lisboa fiéis à independência de Portugal. Mas isto não servia de nada; ninguém fazia caso do que os governadores decidiam. A desordem era completa em todo o reino e cada um puxava para o seu lado.

Quatro meses depois da morte do cardeal-rei estava tudo na mesma. Encontrando-se então Dom António em Santarém, espalhou-se o boato de que as tropas espanholas avançavam já para a nossa fronteira. Reüniram-se logo as pessoas mais importantes da cidade e resolveram preparar-se para resistir ao invasor...

O bispo da Guarda convocou uma reunião das autoridades, dos fidalgos, do clero e do povo de Santarém e dos seus arredores e, naquele dia, que era um domingo, depois de dizer missa, falou a todos e propôs que se escolhesse Dom António como Defensor do reino.

Esta proposta levantou tal algazarra que o bispo nem pôde continuar a falar. Havia ali muitas pessoas de peso que não eram partidários de Dom António. Começaram a gritar que não, que ele era bastardo, que não soubera morrer em Alcácer-Quibir, e que não o queriam. Outros, amigos de Dom António, diziam o contrário. Por fim, no meio de toda aquela confusão, um homem chamado António Baracho, oficial mecânico, amarrou um lenço à ponta da espada e ergueu-a alto, gritando como um possesso:

— Real! Real! por Dom António, rei de Portugal!

Este grito desencadeou a maior confusão e desordem. Começaram todos a desembainhar as espadas e os que não tinham espadas agitavam punhais ou outras armas que tinham. As autoridades quiseram prender António Baracho, mas o povo cercava-o e não o deixou levar. Esteve-se ali muito perto de uma desordem onde sangue fosse derramado.

Dom António, em vez de se impor, aproveitando-se daqueles valentes que o defendiam, hesitou, indeciso, dizendo:

— Rei, não! Isso não! Defensor, sim! Defensor, sim!



Dom Pedro Coutinho, que era o alcaide de Santarém, começou logo a gritar que Dom António não queria o título de rei e que era bem que não lho dessem. Mas António Baracho apontou-lhe ao peito uma pistola que o obrigou a calar-se.

E nisto apareceu Dom António a cavalo, acompanhado por uma guarda de quarenta arcabuzeiros; e assim tudo sossegou. Uma grande parte dos fidalgos e do clero, e muitíssimo povo aclamaram então Dom António rei. E seguido por grande multidão, dirigiu-se êle para o castelo onde entrou arrombando os pórtões. Entretanto o alcaide e outros que se lhe tinham mostrado contrários, fugiam de Santarém a mata-cavalos.

Depois disto, Dom António marchou para Lisboa com tropas de aventura. Tal era a vontade do povo de não ter rei estrangeiro que até algumas forças que os partidários de Filipe II mandaram contra Dom António, em vez de o atacarem, se juntaram com alegria às que êle já levava consigo.

Chegando a Lisboa, Dom António foi à Sé fazer oração, depois foi alojar-se, como rei, no paço real da Ribeira. O povo todo aclamava-o com entusiasmo. Dom António era o seu rei português, o defensor do reino ameaçado, o salvador da pátria. Mas os fidalgos e outros homens importantes iam fugindo. Desconfiavam. Sabiam o que o povo ignorava: que Dom António não tinha alma de rei e que era incapaz de salvar a pátria do grande perigo que a ameaçava.

Pouco tempo depois as cidades de Setúbal, Pôrto, Braga, Coimbra e Bragança aclamaram Dom António rei de Portugal.

Entretanto algumas tropas espanholas, sob o comando do duque de Alba, chegavam a Badajoz; e daí passaram a Elvas, que se rendeu. A seguir, à medida que essas tropas avançavam, Campo Maior, Olivença, Portalegre, Serpa e outras terras do Alentejo renderam-se aos espanhóis.

No dia 27 de Junho o grosso do exército de Filipe II atravessou a fronteira sem encontrar quem lhe tolhesse os passos. E essa gente foi tomando Estremôz, Évora-Monte, Arraiolos, Montemor-o-Novo, Alcácer do Sal, tudo que encontravam no seu caminho. Não tinham muito trabalho. Por aquêles campos quasi desertos, por aquelas vilas sem defesa, o exército bem organizado do rei de Espanha não tinha de combater. Mas, por onde seguiam, não faltavam roubos, pilhagens e violências.

Ao mesmo tempo e também sem nenhuma dificuldade, a esquadra de Filipe II tomava Faro, Vila Nova de Portimão e outros portos e navegava para Setúbal, para onde caminhavam também as tropas do duque de Alba.

Setúbal defendeu-se valentemente, mas por fim não teve remédio senão render-se; e os espanhóis obrigaram a população a aclamar rei Filipe II.

Mas em Lisboa Dom António continuava a ser rei e preparava tudo para a defesa da cidade. Imaginando que o duque de Alba atravessaria o Tejo em Santarém, concentrara as suas poucas forças na estrada que vem dessa cidade. Os espanhóis, porém, vendo isto, embarcaram quantas tropas puderam e foram aportar a Cascais.

A guarnição desta fortaleza estava sob o comando de Dom Diogo de Meneses que era um bom capitão e um bom português. Mas as tropas que defen-



diam a vila não souberam resistir ao assalto espanhol; os seus officiaes não souberam comandá-las. Ali morreram muitos portuguezes a quem não faltava valentia nem amor da pátria, mas que não tinham instrução militar nem capacidade de defesa contra boas tropas bem comandadas e armadas.

Em breve o inimigo chegou à cidadela de Cascais onde um maldito portuguez traidor lhe abriu às escondidas uma porta. A-pesar-disso levaram tempo a tomá-la e pagaram com muito sangue essa vitória.

Nas ameias da cidadela, para que todos vissem e isso servisse de exemplo aos portuguezes fiéis à sua pátria, enforcaram os espanhóis o alcaide de Cascais, Henrique Pereira, e dois artilheiros que até ao fim cumpriram o seu dever. No mesmo dia os espanhóis alçaram um tablado e para êle fizeram subir Dom Diogo de Meneses; e aí lhe cortaram a cabeça pelo crime de ter defendido a sua terra e de não querer reconhecer como seu rei um estrangeiro. Com passo firme, de cabeça levantada e rosto sereno, subiu Dom Diogo de Meneses os degraus do patíbulo e como um herói soube combater e morrer êste homem, cujo nome honrado e glorioso herdara dos grandes capitães seus antepassados que tão célebres se tornaram no govêrno e defesa das nossas praças do norte de África.

Com estas coisas queriam os espanhóis amedrontar os portuguezes que se preparavam a resistir-lhes em Lisboa.

Como já foi dito, Portugal, naquelle infeliz tempo, não tinha exército; não tinha gente e a que havia era miserável e mal alimentada. A-pesar-de tudo conseguiu Dom António juntar uns onze mil homens e colocou-os na margem esquerda do ribeiro de Alcântara. Eram homens de várias classes, muitos esfrangalhados, todos ignorantes do serviço militar e sem nenhuma disciplina.

Não havia officiaes. O comando destas tropas desconjuntadas foi distribuído a frades, homens valentes e dispostos a morrer na defesa da sua terra, mas sem nenhum conhecimento das coisas da guerra. Nestas condições era preciso uma grande coragem e um ânimo bem firme para dar batalha a fôrças inimigas não só muitíssimo superiores em número como bem organizadas e disciplinadas e comandadas por um grande capitão como era o duque de Alba.

Depois de muitos dias de encarniçada resistência, rendeu-se afinal o forte de S. Julião; e pouco depois renderam-se também Belém e a Caparica.

No dia 25 de Junho daquelle desgraçado ano de 1580, o duque de Alba atacou as fôrças de Dom António no ribeiro de Alcântara.

A batalha foi muito renhida. Os espanhóis tinham imaginado que aquilo ia ser uma brincadeira. Mas os portuguezes, assim mesmo, desordenados e sem bons capitães, bateram-se de tal maneira que espantaram o inimigo; êste chegou mesmo a perder a esperança de vencer aquella gente desesperada.

Dom António houve-se ali com grandíssima bravura, arriscando muitas vezes a própria vida, batendo-se com tal desprezo da morte, que nem sentia as feridas de que estava coberto.

Mas por fim a desproporção do número e das fôrças deu o resultado que só um grande milagre poderia ter evitado. Dom António e a sua gente foram vencidos; e nessa hora — a mais triste da nossa história — caiu a sagrada terra de Portugal nas mãos dos espanhóis!



Havia perto de cinco séculos que a nação portuguesa fôra fundada pelo seu primeiro rei, Dom Afonso Henriques. No correr d'esses séculos, lutando contra mouros e espanhóis, as fronteiras da nossa terra foram marcadas tão fundas que ainda hoje são as mesmas, o que não acontece a nenhuma outra nação. E, feito isso, a gente portuguesa fôra por mares desconhecidos à descoberta e à conquista de outros mundos; e, sob o govêrno de bons e grandes reis, Portugal tornara-se uma das duas nações mais ricas, mais poderosas, mais gloriosas da terra, — quando a Inglaterra era ainda uma pequena nação sem importância e os outros países da Europa se batiam uns contra os outros e os seus heróis e a sua grandeza eram bem pouca coisa comparados com os nossos heróis e com a nossa grandeza.

E tudo isso acabara. Portugal, como um velho guerreiro cujos feitos tinham espantado o mundo, quebrado agora e cansado caíra sem fôrças e, *porque estava meio morto*, o estrangeiro viera e fizera seu escravo daquele vencedor glorioso de tantos povos.

Dom António, vendo ali tudo perdido, ainda assim não desanimou nem se entregou ao inimigo. A cavalo, com alguns dos seus companheiros, fugiu até Santarém; e daí para Coimbra, onde não lhe faltavam amigos. Nessa cidade ainda juntou gente e foi tomar Aveiro seguindo depois para o norte do país.

Mas atrás d'êle lançou o duque de Alba as suas tropas. Coimbra, Montemor, Aveiro, Pôrto, e outras cidades e povoações, tiveram que se render à fôrça dos espanhóis.

E aqui é preciso lembrar uma linda coisa que anda muito esquecida e que deve ser avivada na nossa memória e no nosso coração, porque os que contam esta triste história da invasão de Portugal pelos espanhóis fartaram-se de falar nos maus portugueses que se deixaram peitar pelo inimigo e a êle venderam, a trôco de dinheiro e honrarias, a independência da pátria. Fartaram-se de falar nesses traidores que foram poucos e pouco ou nada disseram dos bons portugueses, sem nome conhecido, que tão bem sabem sempre ser fiéis e que são o sangue e a alma da nossa terra.

Patifes há em tôdas as terras e em todos os tempos, e quando qualquer nação envelhece e cai doente de morte, as podridões escondidas nas épocas gloriosas e de esplendor, vêm então sem vergonha ao de cima. E desta verdade temos nós tido agora e teremos ainda, muitos exemplos em nações que se levantaram quando nós caímos e que agora caem por sua vez.

O que é preciso não esquecer não é a fealdade, mas é sim a beleza que agora vai ser contada:

Filipe II, enraivecido pela resistência dos portugueses que se juntavam sempre em volta de Dom António, sua última esperança, mandou oferecer um prêmio de oitenta mil ducados de ouro a quem lhe entregasse Dom António vivo ou morto, e prometeu grandes favores e vantagens à cidade ou povoação onde êste último e infeliz defensor do reino fôsse entregue aos espanhóis.

*Mas, a-pesar-da miséria e desgraça tamanhas em que os portugueses tinham caído, nem um só homem ou mulher, entre tôda a população bemdita da nossa terra, quis ganhar tal prêmio!*



Por tôda a parte por onde aparecia, fôsse onde fôsse, cidades, vilas, aldeias, campos, em casa de pobres ou ricos, em conventos, Dom António, Prior do Crato, encontrou sempre abrigo, carinho, respeito; todos o ajudavam o mais que podiam, todos o encobriam se era preciso, com risco da própria segurança e vida. Louvado seja Deus para sempre, por grande que fôsse a sua pobreza e miséria, nenhum português quis enriquecer vendendo o sangue do último defensor da pátria. Houve traidores entre a gente apodrecida de uma côrte morta, mas Deus não quis que o negro e medonho crime de Judas sujasse com a sua nódoa nojenta a alma imortal de um povo que tantas provas dera da sua limpeza e das suas nobres virtudes.

Perdidas as esperanças de vencer sôzinho os inimigos invasores, Dom António embarcou para França em Janeiro de 1581. Lá fora não descansou; pediu à França e à Inglaterra que o ajudassem a expulsar o invasor espanhol. Mas estes países não eram então o que mais tarde se tornaram. Tinham mêdo da Espanha que, a-pesar-de já decadente, ainda era muito mais forte e temível do que êles. O auxílio que deram a Dom António não foi grande coisa, como adiante se verá.

Filipe II entrou em Portugal com grande esplendor, por Badajoz e Elvas, no dia 5 de Dezembro de 1580. Tinha tenção de reunir Côrtes em Lisboa; mas como se espalhassem boatós de peste naquela cidade, resolveu reunir Côrtes em Tomar.

Proibiu que, entre os representantes das diferentes terras de Portugal que deviam apresentar-se nesta reunião, viesse qualquer pessoa que tivesse seguido Dom António, ou fôsse do seu partido, ou o tivesse ajudado fôsse de que maneira fôsse.

Os preparativos para estas Côrtes de Tomar foram muito cautelosos e levaram muito tempo. Filipe II não se sentia seguro; percebia muito bem que se alguns portugueses traidores lhe faziam rapa-pés, o verdadeiro povo de Portugal, que era e sempre foi a alma da nação, a-pesar-de vencido, enfraquecido, e já sem fôrças de levantar cabeça, ainda assim o odiava e era seu inimigo figadal. Não se enganava. O povo português nunca suportara canga de estrangeiros e nunca aceitou esta.

Por tôda a parte havia lutos, lágrimas, desesperos . . .

Por outro lado Filipe II fazia a diligência de se mostrar clemente e protector para aquêles que o serviam e diligenciava provar a sua boa vontade e a sua generosidade, fazendo ou fingindo fazer quanto podia para que o considerassem um rei bom e justo.

Assim, nas Côrtes de Tomar, onde foi solenemente aclamado rei com o nome de Filipe I de Portugal, foram assentes e escritas em vinte e quatro capítulos várias determinações que deviam sossegar o ânimo do povo e dar-lhe a idea de que o espanhol não pensava em o privar dos seus direitos nem em abusar da fôrça.

Não se reuniriam Côrtes portuguesas senão em Portugal, nem se fariam leis sôbre êste país senão em terra portuguesa;

Não haveria vice-rei nem governador nem outra qualquer autoridade senão



de nacionalidade portuguesa ou então pessoas da família real de Espanha: filho, irmão ou sobrinho de el-rei;

Todos os empregos públicos seriam confiados só a portugueses, tanto no reino como nas ilhas e no ultramar;

A moeda seria tôda cunhada só com as armas de Portugal;

Tôdas as abadias, bispados, benefícios e pensões da Igreja, só seriam dados a portugueses;

Os reis não poderiam dar cidades, vilas ou quaisquer outros benefcios em Portugal senão a portugueses;

Os fidalgos portugueses conservariam todos os seus privilégios, que não poderiam ser dados a estrangeiros;

Os portugueses seriam admitidos aos diferentes ofícios da côrte, em igualdade com os espanhóis; e a rainha teria damãs espanholas e portuguesas com igualdade de direitos.

E por aqui fora, muitas outras coisas feitas para sossegar os ânimos e dar aos portugueses a idea de que o vencedor os respeitava e respeitava os seus direitos, as suas leis e costumes e que ninguém seria lesado.

E não contente com tôdas estas promessas, que pela continuação não serviram de nada, como se verá, Filipe II quis mostrar a sua generosidade dando trezentos mil cruzados para resgate de cativos, esmolas e outras obras caridosas.

Em todos os nossos domínios de além-mar, quando souberam que em Portugal se aceitara Filipe II de Espanha como sucessor ao trono, sem grandes embaraços aceitaram-no também, com poucas excepções.

Mas na ilha Terceira surgiu um centro de resistência fortíssimo. Na cidade de Angra aclamaram rei Dom António, Prior do Crato, quando êle fôra aclamado em Santarém e Coimbra, logo de principio. E quando mais tarde lá chegou um emissário com a notícia de que Filipe II já era senhor de Portugal, reben-taram na ilha tais protestos e tal indignação, que o emissário do reino, se não se pôe ao fresco a tôda a pressa, o povo dava cabo dêle.

Andava tudo num reboliço lá na ilha: que não senhor, que não queriam rei espanhol, que o seu rei era Dom António. Homens e mulheres, novos e velhos, padres, frades, pobres e ricos, ninguém ali queria saber de Filipe II. E era gritaria e manifestações nas ruas, constantemente, com salvas de artilharia e toques de sinos e vivas a el-rei Dom António de Portugal.

Filipe II não se importou. Deixou passar tempo. Em Janeiro de 1581 mandou para a Terceira um governador e um corregedor, ambos portugueses. Mas foram recebidos tão mal que, para salvarem a pele, abalaram com vento fresco para a ilha de S. Miguel.

Passaram-se mais meses até que em Abril dêsse ano Filipe II assinou um decreto concedendo esquecimento e perdão aos habitantes das ilhas Terceira, S. Jorge, Graciosa, Pico e Faial, se se entregassem sem mais revoltas.

A gente das ilhas não fêz caso nenhum.

Os da Terceira diziam:



— Esquecimento e perdão? De quê? O rei de Espanha que se meta com os espanhóis. Nós temos rei português.

E ficou tudo na mesma.

Mas este decreto de Filipe II foi levado à Terceira por um homem chamado Pedro Valdez, que ia a comandar uns quinze navios. As ordens que levava era de deixar o decreto na ilha e seguir viagem ao encontro da armada que vinha da Índia carregada de mercadorias, a-fim-de a proteger contra os piratas.

Pedro Valdez declarou que os habitantes da Terceira deviam aceitar o perdão régio e submeter-se a Filipe II; se o não fizessem a bem teriam de o fazer a mal, porque em breve chegaria o grosso da esquadra sob o comando de D. Lopo de Figueiroa.

A gente da Terceira levou a mal a ameaça e respondeu:

— Pois venham para cá!

Armaram-se, entrincheiraram-se e prepararam-se valentemente para a batalha.

Pedro Valdez não tinha ordem de atacar sem chegar o grosso da esquadra; mas ia na sua companhia um seu sobrinho, chamado Diogo Cortez, que perdeu a cabeça com a atitude da gente da ilha. Os espanhóis da esquadra estiveram logo de acôrdo em tentar a aventura que até lhes parecia divertida.

Começou a batalha na madrugada do dia 25 de Julho.

Os dos navios desembarcaram na praia mais de seiscentos homens, soldados espanhóis experimentados e bem armados. Mas os da ilha não se amedrontaram e a batalha acirrou-se e tornou-se muito renhida de um lado e de outro.

Por volta das nove horas chegaram à cidade de Angra dois mil homens vindos de tôda a ilha e bem dispostos a combater. Juntaram-se-lhes as mulherez, de armas nas mãos, batalhando como soldados ao lado dos maridos e dos pais ou irmãos.

A-pesar-de tôda a valentia daquela boa gente da Terceira, que tão bem sabia defender a sua terra, os espanhóis começavam a levar a melhor, quando um cônego regrante de Santo Agostinho teve uma idea que deu a vitória à gente da sua ilha. E que vitória!

Havia na Terceira muitas manadas de bois e vacas, como ainda hoje há, gado bravo aproveitado sobretudo para carne e também para as afamadas corridas daquela ilha. Combinou-se com os pastores êles trazerem estas manadas e disporem o gado fazendo frente ao inimigo. E de repente, com grande barulho e gritaria, lançaram as vacas e bois bravios contra os espanhóis. Estes, apanhados de surpresa por aquela avalanche, recuaram em confusão e houve ali uma matança terrível nos invasores que tombavam e morriam sob a investida dos animais enfurecidos e dos homens que os seguiam com tal gana, que a derrota dos espanhóis foi completa.

Os espanhóis fugiam espavoridos sem outra esperança nem vontade senão de alcançarem os seus navios e de se porem ao fresco; mas eram perseguidos pela gente da ilha até à praia, até dentro de água; e nem se podiam contar os que assim morreram a tiro, à espadeirada, a golpes de chuços, e muitos afogados porque tal era o seu terror que se atiravam a nado para alcançarem os navios.

Por fim, derrotados, abalaram com grande alegria e triunfo da boa gente



da Terceira. E quando o grosso da esquadra espanhola chegou e soube do grande desastre sofrido pelos navios de Valdez, rondou a ilha, a estudar os melhores pontos para um desembarque e, sem mais uma nem duas, foi-se embora sem disparar um tiro nem dar mais cavaco.

Dom António, tendo partido de Portugal depois da entrada de Filipe II, desembarcou em Calais e daí foi a Inglaterra, onde foi pedir auxílio à rainha Isabel. Mas a Inglaterra não se atrevia a tomar partido contra a Espanha: queria saber primeiro se a França estaria do lado de Dom António ou de Filipe II.

Começaram grandes conversas diplomáticas entre os dois países, que levaram meses e meses sem chegarem a nada. Entretanto Dom António, sem recursos e sem uma queixa, via-se tão desamparado em Londres que, muitos dias, só comia pão e água. Tinha levado consigo jóias da sua família que valiam muito. Empenhou-as para com esse dinheiro poder recrutar soldados para a defesa da sua causa. Mas como o tempo ia passando, os negociantes começavam a exigir o pagamento do empréstimo. E então um fidalgo inglês, chamado Lord Burleigh, achando que as jóias eram boas e sobretudo um certo diamante que havia entre elas, aconselhou a rainha Isabel a pagar o dinheiro aos comerciantes e a ficar com as jóias. Assim começavam já os ingleses a enriquecer à nossa custa, o que fizeram sempre com grande habilidade daí por diante, e com muito pouco trabalho.

A-pesar-de tudo Dom António conseguiu recrutar gente em França e em Inglaterra e, em princípios do ano de 1582, já tinha na Terceira uns oitocentos soldados destas duas nações para ajudarem os habitantes a defender a ilha contra qualquer nova tentativa dos espanhóis. E do mesmo modo para lá mandou Dom António um homem da sua confiança, chamado Manuel da Silva, a quem deu o título de conde de Tórres Vedras.

Finalmente lá se combinou uma expedição aos Açores como princípio de uma revolta que botasse os espanhóis fora de Portugal e pusesse Dom António no trono. Essa expedição, comandada por Filipe Strozzi, primo da rainha de França, Catarina de Médicis, homem valente e bom capitão, compunha-se de cinquenta e cinco navios e de uns cinco mil homens.

Dom António com o conde de Vimioso e outros portugueses partiu de França com esta esquadra que chegou à ilha de S. Miguel em meados de Julho.

Filipe II andava descontente e inquieto com as coisas de Portugal. Sabia perfeitamente que todo o povo português estava contra êle; nem tinha confiança nos que se lhe tinham vendido porque bem sabia que traidores são cataventos que viram conforme o vento vira. A resistência desesperada da Terceira dava-lhe cuidado, demais a mais com o apoio que a França e a Inglaterra prestavam agora a Dom António. O povo português, dominado pela força, não lhe mostrava amor; nem os suplícios e castigos, nem os benefícios tinham quebrado aquela gente que só pensava em se ver livre do domínio estrangeiro.

Filipe II resolveu-se a acabar com aquilo de vez. Mandou preparar em Lisboa e em Sevilha uma esquadra grande e forte para ir aos Açores meter tudo na ordem.



O marquês de Santa Cruz partiu de Lisboa sem esperar os navios de Sevilha, comandando uma esquadra composta de trinta e um galeões e cinco patachos, levando cinco mil soldados. Esta esquadra só por si era muito superior à que Dom António juntara sob o comando de Strozzi.

Encontraram-se nas águas da ilha de S. Miguel, defronte da Vila Franca, e deu-se uma terrível batalha entre as duas no dia 26 de Julho. Strozzi sofreu uma enorme derrota. Strozzi, muito gravemente ferido, foi levado à presença do marquês de Santa Cruz. Este, vendo-o em tão desgraçado estado, não esteve com meias medidas: mandou que o acabassem. Deram-lhe então duas punhaladas que o mataram e lançaram-lhe o corpo ao mar.

No dia seguinte a esquadra espanhola foi para a Terceira e os seus soldados invadiram a ilha. O marquês de Santa Cruz mandou guardar as igrejas e os conventos e entregou o resto ao saque dos soldados durante uns poucos de dias. Os horrores que então ali se passaram nem se podem contar. As outras ilhas submeteram-se todas aos espanhóis. Os homens que tinham tido qualquer papel na defesa da Terceira foram degolados ou enforcados. Entre eles, o tal Manuel da Silva, a quem Dom António dera o título de conde de Tórres Vedras e que provou ser pessoa incompetente.

Catarina de Médicis, rainha da França, no seu desejo de enfraquecer o poderio de Filipe II, ainda mandou uma esquadra à Terceira para ajudar os portugueses. Mas essa esquadra foi vencida.

Portugal agonizante caiu de todo nas mãos de Filipe II. Sob o completo e terrível domínio espanhol ficou a nossa terra, meio morta durante sessenta anos.

Dom António, perdidas as últimas esperanças, voltou para França onde veio a morrer poucos anos depois, pobre e desamparado, em Rueil, nos arredores de Paris.

## A SEGUIR:

### A LINDA E GLORIOSA HISTÓRIA DAS CORRENTES QUEBRADAS





do CENTRO UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA DA SOCIEDADE  
PORTUGUESA

M. 9. 3

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. P. N. mandou dar à estampa.*



**S. P. N.**

